



Centro de Estudos de
Economia Aplicada do Atlântico

WORKING PAPER SERIES

CEEApIA WP No. 04/2018

Estimação do Valor Acrescentado Bruto das Atividades Características do Turismo utilizando Contas Satélite - Açores

**Mário Fortuna
Raquel Maciel**

April 2018

**Estimação do Valor Acrescentado Bruto das Atividades
Características do Turismo utilizando Contas Satélite -
Açores**

Mário Fortuna

Universidade dos Açores (FEG e CEEAplA)

Raquel Maciel

Universidade dos Açores (FEG)

Working Paper n.º 04/2018
abril de 2018

RESUMO/ABSTRACT

Estimação do Valor Acrescentado Bruto das Atividades Características do Turismo utilizando Contas Satélite - Açores

O presente trabalho tem como principal objetivo estimar o Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT) para a Região Autónoma dos Açores, um dos indicadores económicos mais importantes que se consegue retirar de uma Conta Satélite do Turismo (CST). Nesse sentido, estimaram-se dois cenários hipotéticos, para o período de 2001 a 2016, que pudessem descrever a evolução do VABGT total e por atividade na região. Para tal, definiu-se uma metodologia, que segue uma abordagem top-down e um conjunto de pressupostos, entre eles a admissão de que a estrutura da geração do VABGT nacional é similar à estrutura regional.

Conclui-se que o Turismo, em 2016, contribuiu em 8,46% para o VAB (Valor Acrescentado Bruto) total da economia açoriana, sendo as atividades mais significativas a hotelaria, a restauração e os transportes, como também se verifica para o Continente Português. Dada a conjuntura atual do setor turístico na região, considera-se crucial a elaboração de CST para os Açores, de modo a facilitar o processo de definição e implementação de políticas e estratégias por parte das autoridades competentes.

Mário Fortuna
Universidade dos Açores
Faculdade de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

Raquel Maciel
Universidade dos Açores
Faculdade de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

Estimação do Valor Acrescentado Bruto das Atividades Características do Turismo utilizando Contas Satélite - Açores

Mário Fortuna

Universidade dos Açores (FEG e CEEAplA)

Raquel Maciel

Universidade dos Açores (FEG e CEEAplA)

Acknowledges: We gratefully acknowledge the financial support to the project AÇORES-01-0145-FEDER-00006 from AÇORES 2020, through FEDER – European Union.



GOVERNO
DOS AÇORES



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

Estimação do Valor Acrescentado Bruto das Atividades Características do Turismo utilizando Contas Satélite - Açores

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo estimar o Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT) para a Região Autónoma dos Açores, um dos indicadores económicos mais importantes que se consegue retirar de uma Conta Satélite do Turismo (CST). Nesse sentido, estimaram-se dois cenários hipotéticos, para o período de 2001 a 2016, que pudessem descrever a evolução do VABGT total e por atividade na região. Para tal, definiu-se uma metodologia, que segue uma abordagem *top-down* e um conjunto de pressupostos, entre eles a admissão de que a estrutura da geração do VABGT nacional é similar à estrutura regional.

Conclui-se que o Turismo, em 2016, contribuiu em 8,46% para o VAB (Valor Acrescentado Bruto) total da economia açoriana, sendo as atividades mais significativas a hotelaria, a restauração e os transportes, como também se verifica para o Continente Português. Dada a conjuntura atual do setor turístico na região, considera-se crucial a elaboração de CST para os Açores, de modo a facilitar o processo de definição e implementação de políticas e estratégias por parte das autoridades competentes.

1. Introdução

As Contas Satélite do Turismo (CST) constituem um instrumento capaz de compilar um conjunto de informação acerca dos impactos económicos produzidos pelo turismo num determinado país (Couto, 2011; Fortuna e Maciel, 2017). Começaram a ser desenvolvidas em 1995, por iniciativa da Organização Mundial do Turismo (OMT) e do Eurostat, com o apoio da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), estando a metodologia totalmente concluída em 1998, ano em que foi publicado o quadro conceptual e as linhas orientadoras à sua implementação (OMT, 2000; SREA, DREM e ISTAC, 2008). Ao longo dos anos, este método foi ganhando adeptos e sofrendo algumas alterações e atualizações, para que se adaptasse à realidade de cada momento (OMT, ONU, Eurostat e OCDE, 2010).

Uma das inovações efetuadas passou pela criação de CST a um nível mais restrito, já que dentro do mesmo país nem todas as regiões são afetadas pelo turismo da mesma forma (OMT et al., 2010). Surgiram, assim, as Contas Satélite do Turismo Regionais (CSTR), cujo principal objetivo é estudar de que modo as economias regionais são influenciadas e impulsionadas pelo setor turístico e assim possibilitar que sejam feitas

comparações entre os territórios de um país. Contudo, a este nível, ainda não foram definidas diretrizes auxiliares padronizadas internacionalmente para a construção desta ferramenta, ao contrário do que aconteceu com as CST nacionais. Verificou-se, no entanto, a adoção, por parte de alguns países, de procedimentos específicos, que consistem em fazer estimativas com base em informação nacional - abordagem *top-down* -, ou em seguir as orientações de implementação de uma CST nacional, utilizando dados regionais - abordagem *bottom-up* (SREA et al., 2008; Couto, 2011; Cañada, 2013; Fortuna e Maciel, 2017).

Em Portugal, os trabalhos realizados no âmbito das CST começaram em 2001, com a preparação do documento onde estão explicados os conceitos, pressupostos e orientações para o desenvolvimento da metodologia, tendo sempre como referência as indicações internacionais. O relatório final data de 2003, sendo da autoria do Instituto Nacional de Estatística (INE), em parceria com o Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, tendo a primeira CST sido divulgada dois anos depois. As publicações foram feitas regularmente até 2010, interrompidas nesta data e retomadas em 2015, tendo o último relatório sido publicado em dezembro de 2017. O INE efetuou alterações na metodologia utilizada sempre que isso tornou os dados mais adequados (INE, 2003; INE, 2005; Fortuna e Maciel, 2017).

A nível regional, em Portugal, apenas foi elaborada, oficialmente, uma CST, publicada em 2008, referente aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, projeto que incluiu também informação acerca das Canárias. Os dados compilados dizem respeito ao ano 2001, para o caso das Regiões Autónomas Portuguesas, e 2002, para o caso das Ilhas Espanholas. A iniciativa proveio do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), da Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) e do *Instituto Canário de Estadística* (ISTAC), que recorreram à mesma metodologia utilizada a nível internacional para construir os quadros de resultados pretendidos (SREA, 2007; SREA et al., 2008; Fortuna e Maciel, 2017). Para uma análise mais detalhada acerca das CST nacionais e regionais em Portugal, recomenda-se a leitura de Fortuna e Maciel (2017).

Deste modo, pode-se afirmar que Portugal tem-se esforçado para entender melhor de que forma o turismo influencia a economia portuguesa, o que constitui uma mais-valia para o país. Em termos regionais, verifica-se que também houve interesse em estudar esses impactos, mas, no entanto, há dez anos que não são divulgadas quaisquer informações nesse campo (Fortuna e Maciel, 2017). Sabe-se, por seu turno, que está a ser

desenvolvida uma CST para os Açores e para a Madeira, estando a sua publicação prevista para maio de 2018.

Desde 2014, o turismo foi largamente impulsionado em Portugal, tendo sido a Região Autónoma dos Açores aquela que mais recordes bateu. Porém, não existe informação que reflita a contribuição deste fenómeno para a economia, por exemplo ao nível da riqueza gerada ou da criação de emprego. Como as CSTR ajudam a colmatar essa carência de dados e fornecem uma visão "compreensível do setor turístico" (Fortuna e Maciel, 2017, p. 6), surgiu o propósito deste trabalho: tentar chegar a estimativas para o Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT).

O Valor Acrescentado Bruto (VAB) consiste na diferença entre o valor de produção e o valor dos consumos intermédios totais. Por seu turno, o VABGT indica em que medida o turismo contribui para o VAB, sendo este um dos principais indicadores contemplados nas CST, que pode ser dividido em atividades características e não características do Turismo. No primeiro grupo são incluídas todas as atividades que se encontram intrinsecamente ligadas ao setor turístico, como acontece com os ramos da restauração, alojamento, transportes, entre outros. Já o segundo grupo compreende atividades que são igualmente consumidas pelos turistas, mas que não constituem os principais pontos de interesse da sua visita, como por exemplo a compra de artigos de vestuário. Dependendo do seu valor monetário, e conseqüentemente da sua importância para a economia, as atividades não características do Turismo podem ser distinguidas em conexas - quando são significativas - e em não específicas - quando não possuem grande relevância (Turismo de Portugal, 2011; Fortuna e Maciel, 2017).

Neste trabalho, pretendeu-se criar cenários hipotéticos que proporcionassem uma imagem atualizada do VABGT e das atividades que abrange, de modo a que se conseguisse estudar a sua possível evolução, desde o ano 2001 até 2016. Ao longo deste processo, foram surgindo algumas dificuldades, entre elas o facto de não haver uma metodologia específica que pudesse servir de base para se chegar às estimativas pretendidas. Uma vez que os dados necessários para se compilar uma CSTR de raiz não estavam disponíveis, foi essencial recorrer à revisão de bibliografia alusiva a trabalhos realizados para outros países, nomeadamente Austrália e Dinamarca, para que se conseguisse chegar a um bom método de estimação.

A secção 2 apresenta a metodologia a que se recorreu, os pressupostos que foram admitidos, os dados utilizados e os passos que foram seguidos para se chegar aos valores

pretendidos. Na secção 3 analisa-se os resultados obtidos e expõe-se o critério utilizado para validar as estimativas. Por último, na secção 4, são apresentadas algumas considerações finais.

2. Metodologia

Como já referido, o propósito deste trabalho consiste em calcular o VABGT dos Açores a partir de CST, mas, no entanto, este instrumento deixou de ser produzido na região. Para se chegar aos valores desejados, recorreu-se então a informação nacional. Para este efeito, desenvolveu-se uma metodologia baseada nas seguintes cinco etapas:

1. Completou-se a série do VABGT da CST nacional, suprimindo a lacuna de dados para os anos de 2010 a 2013 e para 2016;
2. Estimaram-se as relações existentes, a nível nacional, entre o VABGT e outros indicadores correntes, disponíveis numa base anual, tais como o número de hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros ou o número de dormidas;
3. Assumiu-se que a estrutura da geração do VABGT regional é similar à estrutura nacional, tendo esta última sido utilizada como referência para calcular as estimativas pretendidas;
4. Repartiu-se o VABGT regional estimado entre atividades características e não características do turismo, tendo por base a composição estrutural nacional;
5. Distribuiu-se o VABGT regional referente às atividades características do turismo pelas diversas atividades que inclui, utilizando, para tal, indicadores de estrutura.

Nas subsecções seguintes, desenvolve-se cada um desses passos.

2.1 Compilação da Conta do VABGT Nacional

Numa fase inicial, fez-se o levantamento de toda a informação estatística existente e disponível. Os quadros de resultados das CST nacionais de 2010 e de 2017 revelaram-se essenciais: com eles foi possível construir uma tabela com os valores totais e por atividade do VABGT no Continente Português, para os anos de 2001 a 2009, de 2014 e de 2015. A inclusão deste último período na análise demonstrou-se muito positiva, uma vez que Portugal, nos últimos anos, por se ter tornado num dos principais destinos turísticos europeus, registou algumas alterações na estrutura do VABGT (ver Fortuna e Maciel, 2018), mudanças essas tidas em consideração nas estimativas. Os valores do

VABGT de 2014 e 2015, tendo 2011 como ano base, foram convertidos para a base 2006, de modo a que as comparações efetuadas entre os vários anos fossem consistentes. Optou-se por este critério porque a maioria dos dados utilizados [de 2001 a 2009] se encontravam representados tendo 2006 como ano base. O fator de atualização foi retirado do serviço de *Atualização de Valores com Base no IPC*, da responsabilidade do INE, tomando o valor de 1/1,09504 (INE, 2018).

Seguindo Fortuna e Maciel (2018), para estimar o VABGT dos anos em falta - de 2010 a 2013 e 2016 -, foi formulada a hipótese de que esta variável é adequadamente explicada pelo número de hóspedes. Os dados foram recolhidos do INE e da PORDATA, para o período 2001-2016. O modelo utilizado está representado na equação (1), onde o índice N_t representa o valor nacional no período t (12 observações entre 2000 e 2009, 2014 e 2015):

$$(1) \quad VABGT_{N_t} = -1.422.290,038 + 1,091N^o_{hóspedes_{N_t}}$$

(t = - 5,620) (t = 30,681)

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,989$$

Para medir a qualidade das previsões resultantes deste modelo foi calculado o desvio absoluto médio, que dá o tamanho absoluto dos erros. Esta medida toma o valor médio de 288.724.087 unidades, o equivalente a cerca de 4% de cada estimativa. Quanto à precisão da previsão, esta é, em média, de 90,23%.

Posteriormente, repartiu-se os valores calculados do VABGT por atividades características e não características do Turismo, seguindo a estrutura dos anos 2009 e 2014. Para isso, calculou-se o peso de cada um desses agregado no total do VABGT, nos anos extremos do gap de informação, comparou-se os valores obtidos e estimou-se as proporções, seguindo a evolução dos pesos reais. Para 2016, definiu-se a repartição do VABGT tendo em conta a taxa de crescimento média anual verificada nas proporções entre os anos 2014 e 2015. Utilizou-se a mesma metodologia para a estimação do contributo de cada uma das atividades características. A seguir é apresentado o quadro de resultados, onde constam, a sombreado, as estimativas obtidas.

Quadro 1 - VABGT total e por tipo de atividade para Portugal Continental (valores em milhares de Euros).

	VABGT	Atividades Características do Turismo	Hotéis e similares	Residências secundárias por conta própria	Restaurantes e similares	Transportes	Aluguer de equipamento de transporte de passageiros	Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos	Cultura, desporto, recreação e lazer	Atividades Não Características do Turismo
2001	4 829 038	4 174 582	1 431 902	366 987	1 147 502	726 717	171 565	156 848	173 061	654 456
2002	4 789 253	4 182 591	1 463 147	388 270	1 109 134	724 696	175 424	161 051	160 869	606 662
2003	4 645 831	4 118 650	1 449 905	403 892	1 065 976	731 966	173 703	144 475	148 734	527 181
2004	4 978 345	4 425 794	1 532 164	425 899	1 193 848	755 689	191 181	150 868	176 144	552 552
2005	5 095 005	4 544 991	1 568 007	443 433	1 201 342	800 594	189 563	143 085	198 967	550 015
2006	5 583 524	4 948 066	1 688 477	442 042	1 295 365	978 374	202 219	142 612	198 976	635 458
2007	6 208 722	5 514 733	1 886 755	501 917	1 428 887	1 103 628	213 773	159 318	220 455	693 989
2008	6 075 807	5 373 414	1 858 216	524 537	1 368 177	1 024 008	225 728	151 624	221 124	702 393
2009	5 902 697	5 239 617	1 720 380	545 887	1 307 192	1 085 606	228 454	134 319	217 779	663 081
2010	6 030 964	5 268 076	1 770 078	579 196	1 342 739	1 009 742	223 373	130 728	212 219	762 888
2011	6 664 469	5 727 077	1 968 172	662 649	1 490 657	1 008 835	235 963	137 422	223 379	937 392
2012	6 961 700	5 883 923	2 067 144	714 688	1 563 254	945 145	235 365	136 361	221 965	1 077 777
2013	7 990 537	6 640 335	2 383 752	844 814	1 800 077	963 591	257 654	148 446	242 000	1 350 203
2014	8 920 386	7 287 509	2 671 954	969 579	2 014 676	944 381	273 778	156 803	256 338	1 632 878
2015	9 550 018	7 845 341	2 919 558	973 872	2 203 480	983 022	292 765	177 350	295 295	1 704 677
2016	12 282 242	10 146 362	3 831 662	1 169 204	2 894 399	1 227 710	375 588	240 527	406 256	2 135 880

De acordo com Fortuna e Maciel (2018), poderiam ter sido utilizadas outras variáveis para estimar o VABGT nacional. Optou-se, neste passo, por considerar o modelo de regressão que apresentava um melhor nível de ajustamento, todavia estes resultados são semelhantes aos que se obtêm quando se relaciona o $VABGT_{Nt}$ com o número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros. A equação obtida, nessas condições, é a seguinte:

$$(2) \quad VABGT_{Nt} = -8.879.926,632 + 0,321N^o_Dormidas_{Nt}$$

(t = - 9,969) (t = 16,948)

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,966$$

Daqui podem-se retirar dois aspetos importantes, que devem ser considerados na próxima etapa:

1. É possível chegar a estimativas do VABGT, com um bom nível de aproximação à realidade, utilizando diferentes variáveis explicativas;

2. Como a dimensão dos valores nacionais é muito superior à dos Açores, as estimativas regionais não poderão ser calculadas através da regressão formulada para determinar o VABGT nacional.

Será necessário, por isso, definir uma nova equação, que possa espelhar a evolução do VABGT nos Açores (Fortuna e Maciel, 2018).

2.2 Formulação do Modelo de Regressão para os Açores

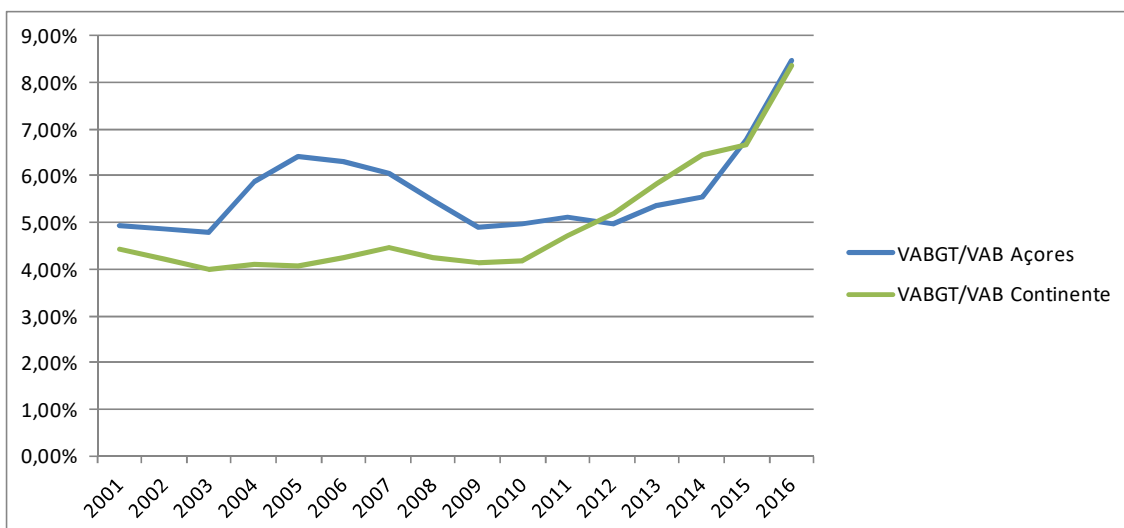
Para a estimação do VABGT regional foi usado um modelo formulado, novamente, com dados nacionais, que utiliza as dormidas como variável explicativa, mas com a supressão do ponto de interseção. A equação apresenta um R^2 ajustado de 0,965, tal como consta a seguir:

$$(3) \quad VABGT_{Nt} = 133,363N^o_{dormidas_{Nt}} \\ (t = 18,159) \\ R^2 \text{ ajustado} = 0,965$$

De acordo com o modelo, por cada dormida a mais registada num determinado período t , o VABGT aumenta em 133,363 Euros. O único parâmetro obtido pela regressão foi usado para calcular o VABGT no arquipélago. Para tal, substituiu-se a variável independente pelo número de dormidas registadas nos Açores. Os dados foram retirados do SREA.

Foram estimados valores para toda a série temporal considerada, de 2001 a 2016. Para o primeiro ano da análise, o VABGT estimado equivale a 76,87% do VABGT real que consta na CSTR (Base 2006). Ao comparar o peso do VABGT estimado no VAB total da economia regional, obtiveram-se valores semelhantes aos apresentados pelo Continente. Os rácios seguem a mesma tendência, como se pode ver na Figura 1.

Figura 1 - Peso do VABGT, e respetivas estimativas, no VAB dos Açores e do Continente, no período de 2001 a 2016.



2.3 Definição da Estrutura do VABGT para os Açores

Feitas as estimativas do VABGT regional, procedeu-se à distribuição dos valores pelas atividades características e não características do turismo. Recorde-se que, para o caso dos Açores, só estão disponíveis valores da repartição estrutural do VABGT açoriano no ano 2001. Dado isso, foram criadas estimativas admitindo dois cenários diferentes:

- **Cenário I - Rigidez e mudança estrutural:**

Assumiu-se que a estrutura do VABGT nos Açores permaneceu a mesma de 2001 até ao ano 2014. A escolha desse período deveu-se ao facto de, a partir de 2015, com a liberalização das ligações aéreas entre o arquipélago e o Continente, se ter verificado um aumento crescente do Turismo na região, o que poderá estar na origem de uma alteração do peso de determinadas atividades no total do VABGT, especialmente no setor dos transportes. Para o último ano considerado, 2016, assumiu-se a estrutura de 2001 apresentada pelo Continente Português. Para a composição estrutural de 2015, aplicou-se a taxa de crescimento médio anual entre 2014 e 2016.

- **Cenário II - Convergência:**

Colocando a hipótese de que o peso de certas atividades no VABGT dos Açores se alterou ao longo dos anos, utilizou-se como referência duas repartições percentuais. A primeira equivale à distribuição estrutural real constante na CSTR, que foi aplicada ao ano 2001. A segunda foi aplicada a 2016 e foi definida partindo do princípio que a estrutura do VABGT nos Açores, com o passar dos anos, começou-se a assemelhar à

estrutura apresentada pelo Continente em 2001. O passo posterior consistiu em aplicar a taxa de crescimento médio anual dos pesos de cada rubrica do VABGT.

Com base nas duas hipóteses consideradas obtiveram-se os resultados que constam dos quadros seguintes:

Quadro 2 - VABGT estimado para a Região Autónoma dos Açores, no período de 2001 a 2016, no Cenário I: Rigidez e mudança estrutural (valores em Euros).

	VABGT	Atividades Características do Turismo	Hotéis e similares	Residências secundárias por conta própria	Restaurantes e similares	Transportes	Aluguer de equipamento de transporte de passageiros	Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos	Cultura, desporto, recreação e lazer	Atividades Não Características do Turismo
2001	105 188 866	98 464 468	28 747 091	6 877 932	13 420 397	37 219 815	4 775 503	5 172 205	2 252 412	6 724 398
2002	111 146 458	104 041 209	30 375 243	7 267 478	14 180 490	39 327 838	5 045 974	5 465 143	2 379 982	7 105 249
2003	114 207 272	106 906 355	31 211 734	7 467 614	14 571 000	40 410 870	5 184 933	5 615 645	2 445 523	7 300 917
2004	145 251 245	135 965 782	39 695 749	9 497 470	18 531 709	51 395 406	6 594 308	7 142 098	3 110 268	9 285 462
2005	166 245 381	155 617 829	45 433 242	10 870 203	21 210 221	58 823 929	7 547 428	8 174 393	3 559 816	10 627 552
2006	170 384 302	159 492 161	46 564 368	11 140 833	21 738 280	60 288 437	7 735 332	8 377 906	3 648 443	10 892 141
2007	172 181 235	161 174 222	47 055 453	11 258 328	21 967 540	60 924 260	7 816 911	8 466 263	3 686 921	11 007 013
2008	163 743 225	153 275 628	44 749 427	10 706 596	20 890 986	57 938 571	7 433 831	8 051 360	3 506 237	10 467 597
2009	147 783 541	138 336 197	40 387 801	9 663 048	18 854 789	52 291 429	6 709 273	7 266 612	3 164 492	9 447 344
2010	153 640 311	143 818 562	41 988 399	10 046 002	19 602 018	54 363 777	6 975 166	7 554 593	3 289 904	9 821 749
2011	153 345 445	143 542 546	41 907 815	10 026 722	19 564 398	54 259 442	6 961 779	7 540 095	3 283 590	9 802 899
2012	143 687 963	134 502 437	39 268 519	9 395 253	18 332 259	50 842 258	6 523 336	7 065 230	3 076 794	9 185 526
2013	157 891 656	147 798 132	43 150 250	10 323 982	20 144 421	55 868 064	7 168 174	7 763 635	3 380 938	10 093 524
2014	164 202 794	153 705 818	44 875 022	10 736 646	20 949 620	58 101 184	7 454 695	8 073 957	3 516 078	10 496 976
2015	206 497 802	185 904 591	59 020 877	14 664 330	38 219 679	51 317 464	8 328 274	8 375 075	5 979 731	20 593 211
2016	263 570 765	227 850 282	78 153 746	20 030 313	62 631 108	39 664 490	9 364 084	8 560 824	9 445 717	35 720 483

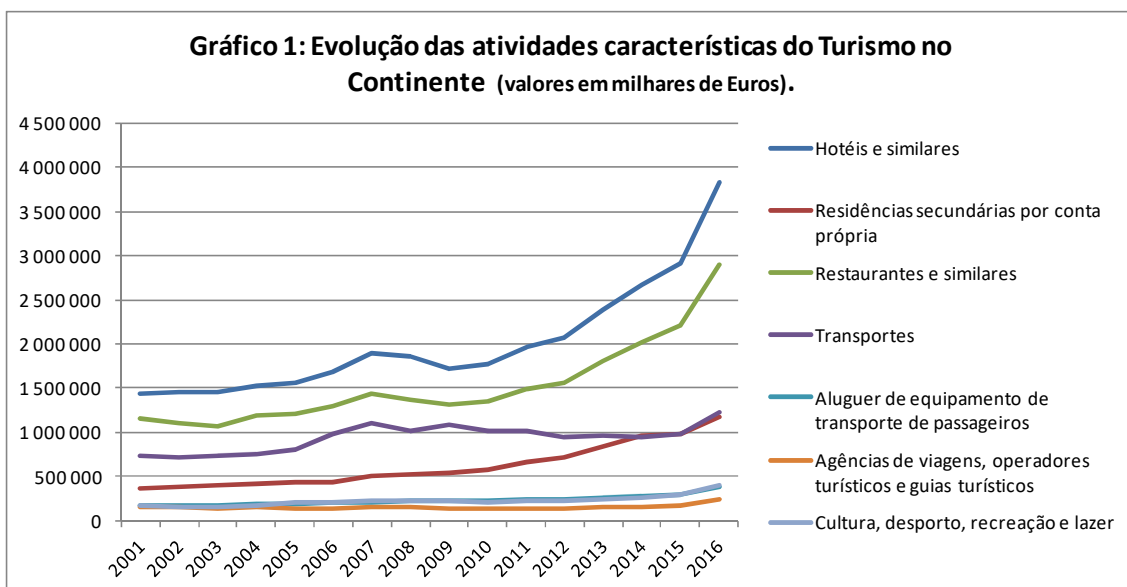
Quadro 3 - VABGT estimado para a Região Autónoma dos Açores, no período de 2001 a 2016, no Cenário II: Convergência (valores em Euros).

	VABGT	Atividades Características do Turismo	Hotéis e similares	Residências secundárias por conta própria	Restaurantes e similares	Transportes	Aluguer de equipamento de transporte de passageiros	Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos	Cultura, desporto, recreação e lazer	Atividades Não Características do Turismo
2001	105 188 866	98 464 468	28 747 091	6 877 932	13 420 397	37 219 815	4 775 503	5 172 205	2 252 412	6 724 398
2002	111 146 458	103 510 683	30 572 641	7 355 033	15 064 492	37 720 096	4 969 163	5 334 065	2 496 064	7 635 775
2003	114 207 272	105 816 082	31 613 691	7 646 234	16 377 619	37 121 659	5 027 618	5 347 356	2 682 730	8 391 190
2004	145 251 245	133 885 834	40 455 497	9 835 725	21 959 038	45 148 751	6 295 220	6 632 348	3 560 220	11 365 411
2005	166 245 381	152 443 726	46 581 852	11 382 576	26 411 168	49 334 378	7 092 571	7 399 655	4 242 533	13 801 656
2006	170 384 302	155 425 752	48 022 037	11 792 349	28 363 752	48 186 459	7 154 613	7 389 429	4 518 048	14 958 550
2007	172 181 235	156 243 068	48 806 320	12 042 456	29 956 398	46 315 766	7 115 133	7 272 496	4 735 344	14 462 831
2008	163 743 225	147 804 550	46 673 380	11 569 994	29 704 017	41 804 937	6 657 913	6 732 341	4 662 678	15 938 675
2009	147 783 541	132 692 970	42 353 087	10 546 819	27 892 989	35 726 861	5 911 725	5 911 716	4 350 331	15 090 571
2010	153 640 311	137 218 330	44 264 503	11 071 701	30 111 979	35 079 842	6 045 623	5 976 509	4 668 666	16 421 981
2011	153 345 445	136 223 030	44 407 055	11 155 389	31 152 097	32 973 477	5 934 548	5 797 331	4 803 541	17 122 415
2012	143 687 963	126 958 040	41 818 869	10 549 514	30 206 273	29 004 877	5 468 268	5 276 445	4 634 098	16 729 924
2013	157 891 656	138 754 312	46 176 693	11 696 761	34 294 800	29 813 529	5 907 878	5 628 353	5 236 549	19 137 345
2014	164 202 794	143 516 728	48 250 043	12 271 001	36 797 806	28 885 735	6 039 829	5 678 433	5 594 055	20 686 066
2015	206 497 802	179 497 804	60 957 712	15 563 555	47 681 721	33 687 451	7 465 495	6 923 095	7 218 883	26 999 998
2016	263 570 765	227 850 282	78 153 746	20 030 313	62 631 108	39 664 490	9 364 084	8 560 824	9 445 717	35 720 483

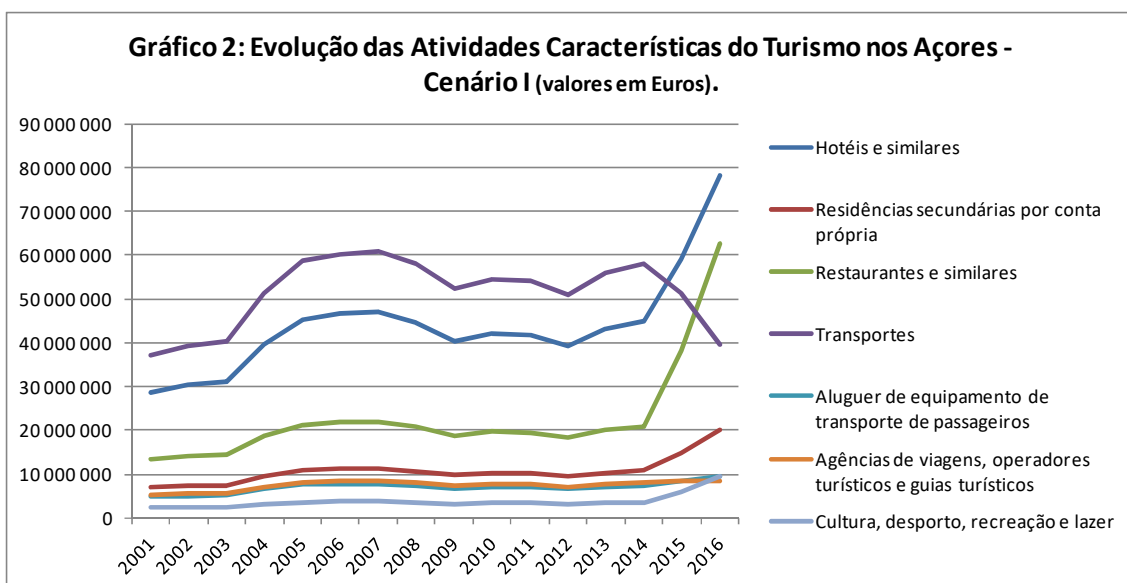
3. Análise de Resultados

O Gráfico 1 retrata o desenvolvimento de cada uma das atividades características do turismo, em Portugal Continental, sendo que apenas os valores referentes aos anos de 2010 a 2013 e de 2016 são estimativas. A diferença entre o VABGT de 2009 e de 2014 é relativamente elevada, mas a evolução dos valores calculados demonstra-se adequada.

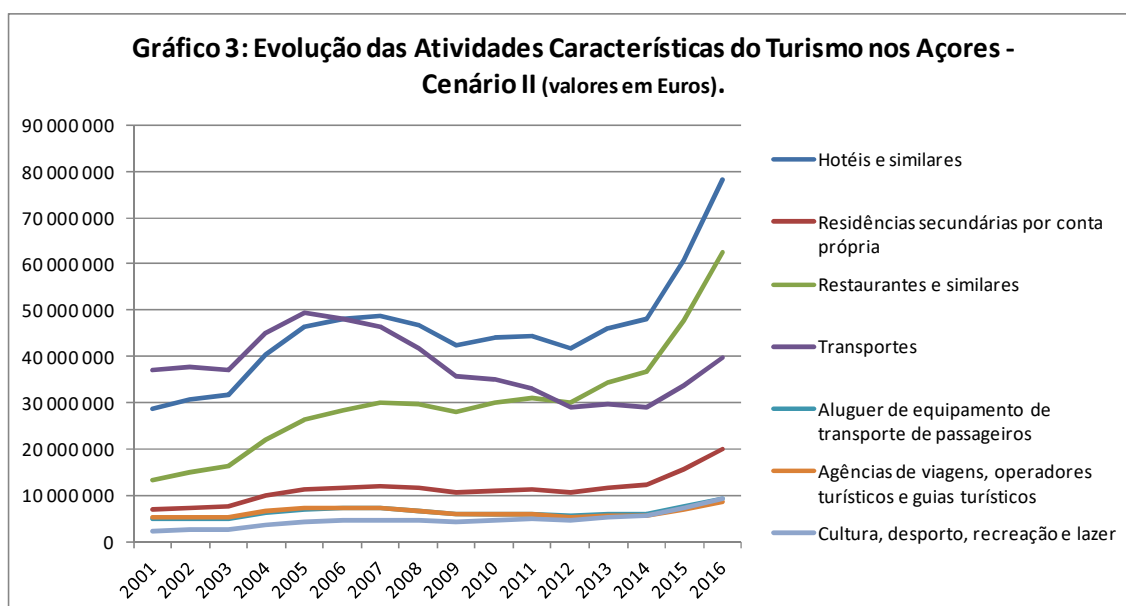
Como se pode ver, são os Hotéis e Similares a atividade que mais contribuiu para o VABGT do país, com os Restaurantes a ocuparem o segundo lugar. O peso dos Transportes era o terceiro mais elevado dentro do grupo das atividades características do Turismo, apesar de tender a diminuir, depois de 2009. As taxas de crescimento das atividades características registadas entre os anos de 2012 e 2016 indicam os efeitos do aumento do turismo em Portugal que se fez sentir nos últimos tempos. A quebra na componente dos Transportes capta o efeito da concorrência que se instalou neste setor, um tópico a ser explorado mais à frente.



Examinando a evolução obtida para o Cenário I, representada no Gráfico 2, nota-se que a partir de 2014 a configuração das curvas altera-se completamente. Como se assumiu que o peso de cada atividade no VABGT permaneceu o mesmo até esse ano, porque, de facto, não houve alterações significativas no setor, a sua evolução, em termos absolutos, oscilou exatamente da mesma forma, sendo os Transportes o ramo mais significativo, seguindo-se os setores do Alojamento e da Restauração. Evidentemente, nos anos 2015 e 2016, por se ter admitido que a repartição das atividades turísticas tendia para a estrutura do Continente em 2001, resulta uma alteração abrupta na estrutura do VABGT da região, com o peso dos Transportes a cair e o das demais componentes a subir.



Da análise do Cenário II, Gráfico 3, verifica-se que a importância de seis atividades características do turismo aumentou ao longo do período estudado, apesar de se ter registado uma diminuição no começo da crise económico-financeira. Neste cenário, embora seja evidenciada a quebra no peso dos Transportes, a inflexão a partir de 2015 não está em linha com o que efetivamente aconteceu nos Açores. O Cenário I parece, assim, uma aproximação melhor à evolução real das atividades no setor. Convém ainda dar especial atenção às taxas de crescimento registadas a partir de 2014, essencialmente nos setores do Alojamento e da Restauração, que, tal como se viu para o Continente, espelham as alterações registadas no turismo do arquipélago, que tem sido das regiões mais visitadas do país.



No gráfico apresentado abaixo, estão representadas as possíveis variações das principais atividades do VABGT, designadamente Alojamento, Restauração e Transportes, obtidas em cada um dos cenários. O Gráfico 4 resulta da combinação parcial dos dois gráficos anteriores.

Verifica-se que, para o caso dos Hotéis, qualquer um dos cenários reflete a mesma tendência, sendo a diferença entre os valores muito reduzida. Pas

Cenário I



Restauração, as duas curvas demonstram uma evolução semelhante, apesar do Cenário da Convergência revelar taxas de crescimento mais elevadas, de ano para ano. As maiores discrepâncias registam-se no ramo dos Transportes. Até 2014, a diferença entre os valores máximo e mínimo deste setor de atividade foi aumentando constantemente, até que, em 2015, a divergência diminuiu de forma acentuada, tendendo, no ano seguinte, para a mesma importância.

Analisando a composição das atividades características do turismo em Portugal Continental [Gráfico 5], tal como consta no Gráfico 1, é o Alojamento o ramo mais significativo, com um peso a rondar os 35%, surgindo, logo depois, os Restaurantes e similares, cuja importância no total do VABGT voltou a aumentar após uma breve descida. A terceira posição pertence ao setor dos Transportes, que a partir de 2009, de acordo com as estimativas, começou a perder peso nas atividades características do turismo. Esse facto pode ser explicado essencialmente por duas razões:

1. Ao surgir uma maior concorrência no espaço aéreo português, verificou-se uma diminuição dos custos das viagens, o que, por sua vez, fez com que o contributo dos Transportes nos gastos totais dos turistas diminuísse, reduzindo-se assim a importância deste setor no VABGT (Fortuna e Maciel, 2018);
2. Como o espaço aéreo se abriu para companhias estrangeiras, o valor gerado e as receitas provenientes das deslocações acabam por ser parcialmente direcionados para outros países (Fortuna e Maciel, 2018).

Para o Cenário I, não faz sentido fazer análises em termos relativos, uma vez que se considerou que a estrutura do VABGT seria exatamente a mesma no período de 2001 a 2014, alterando-se apenas nos últimos dois anos da série temporal analisada. Dito isto, a interpretação dos gráficos obtidos não teria lógica, daí não terem sido incluídos neste trabalho.

No segundo Cenário obtido para os Açores, há uma estrutura a tender para a do Continente [Gráfico 6]. Nos primeiros anos, foram os Transportes a atividade que mais contribuiu para o VABGT da região, seguindo-se os Hotéis e os Restaurantes. Esta situação está relacionada com o facto de, em 2001, apenas duas companhias de aviação, nomeadamente a SATA (Serviço Açoriano de Transportes Aéreos) e a TAP (Transportes

Aéreos Portugueses), fazerem as ligações aéreas entre os Açores e o Continente, o que tinha como consequência o aumento dos preços das viagens (Fortuna e Maciel, 2017). Contudo, a partir do ano 2001, as estimativas apontam para uma diminuição da importância dos Transportes no VABGT regional, ao passo que os Restaurantes e similares veem o seu peso aumentar consideravelmente. Por seu turno, o ramo do Alojamento também melhorou a sua performance no total do VABGT, enquanto as restantes atividades características do turismo praticamente mantiveram a sua relevância no mesmo nível.

De seguida, examinou-se a evolução do peso das diversas atividades no total do VABGT referente às atividades características do turismo. O Gráfico 7 representa as taxas relativas ao Continente Português e evidencia as conclusões a que se chegou aquando da análise do Gráfico 5: os Hotéis e similares constituem a atividade predominante, enquanto os Restaurantes e similares posicionam-se logo a seguir. Saliente-se que a evolução do peso destas duas atividades foi bastante semelhante ao longo do período considerado. Finalmente, surge o caso dos Transportes, cuja importância começou a diminuir no final da década passada, ao passo que o peso das residências secundárias começou a emergir.

Quanto aos Açores, como era de esperar, uma vez que apenas se tomou como referência as taxas de 2001 do arquipélago e do Continente, repartindo, em seguida, a diferença entre elas pelo período considerado, o Gráfico 8 representa somente retas com o mesmo declive. Basicamente, a evolução de cada atividade na Região Autónoma foi "forçada" a convergir para os níveis nacionais. Consegue-se ver que é o setor dos Transportes que apresenta a variação mais acentuada. O ramo da Restauração surge logo depois, exibindo um acréscimo de importância significativo, seguindo-se os Hotéis e similares, com um aumento mais moderado.

Posteriormente, analisou-se a estrutura do VABGT por tipo de atividades agregadas. Para as não características do turismo, pela observação do Gráfico 9, no Continente, pode-se constatar a tendência de aumento do seu peso no total do VABGT.

Para os Açores, assiste-se ao mesmo fenómeno: as atividades características do turismo contribuem cada vez menos para o VABGT, ao passo que as conexas e não específicas têm ganho importância relativa.

Daqui se pode retirar a conclusão de que, ao longo dos anos, os turistas têm-se interessado por outras atividades que não são consideradas características do turismo, ou seja, que não constituem o principal foco das viagens turísticas, mas que também fazem parte da experiência dos visitantes. Isso pode significar que é necessário visitar as atividades que constituem o *cluster* turístico, para considerar a hipótese de incluir também atividades ainda encaradas como não características, que têm ganho um peso expressivo no VABGT.

Para terminar, com o intuito de se verificar se as estimativas obtidas espelham, ainda que de uma forma aproximada, a verdadeira tendência do VABGT nos Açores, foram analisadas as correlações existentes entre as três principais atividades características do turismo e alguns indicadores correntes capazes de sustentar os valores a que se chegou. Recorreu-se, portanto, a fontes secundárias de dados, que ao estarem, de algum modo, relacionadas com as atividades em questão, revelaram que a evolução estimada pode ser considerada válida.

4. Conclusão

Nos últimos tempos, tem-se assistido a um crescimento muito expressivo do turismo em Portugal, o que evidencia a importância de se estudar as implicações que este fenómeno acarreta para a economia, tanto em termos económicos, como em termos sociais. Desta forma, é crucial que se aposte na implementação de CST, para que se consiga obter uma perspetiva completa e realista de como o setor turístico está,

efetivamente, a evoluir. A nível nacional, verifica-se que a publicação periódica de informação desta natureza é um objetivo, existindo já dados previsionais para o ano 2016 (WTTC, 2003; Couto, 2011; Fortuna e Maciel, 2017). A nível regional, as organizações responsáveis pelas estatísticas oficiais regionais, o SREA e a DREM, em parceria com o INE, estão já a desenvolver a próxima CST para as Regiões Autónomas, que deverá ser publicada ainda em 2018.

Neste trabalho, o enfoque foi no caso específico dos Açores, região que liderou o crescimento no turismo em Portugal, entre 2015 e 2017. As alterações verificadas chamaram a atenção para a necessidade de se apostar na construção de uma nova CST para o arquipélago, com o fim de se apurar que tipo de consequências o aumento do número de turistas a visitar a região traz para a estrutura económica. O objetivo passou por construir alguns dos elementos de uma conta satélite atualizada, nomeadamente a conta do VABGT.

Para este efeito, foi adotada uma metodologia do tipo *top-down*, desenvolvida em vários passos. Num primeiro passo, completou-se os dados da conta do VABGT nacional com estimativas para os anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2016. Numa segunda fase, estabeleceu-se a relação entre o VABGT nacional com variáveis explicativas para determinar uma estrutura base deste indicador. Numa terceira fase, aplicou-se esta relação aos Açores, assumindo que, no geral, a estrutura de geração de VABGT nos Açores não será significativamente diferente da do Continente. Numa quarta etapa, estimou-se a estrutura da repartição do VABGT dos Açores entre atividades características e atividades não características do turismo. Numa quinta e última etapa, foi calculada a repartição do VABGT característico entre as diversas atividades, seguindo dois cenários: o primeiro assumindo a manutenção da estrutura de 2001 até 2014 e uma alteração em 2015 e 2016, face à mudança ocorrida nos Transportes (Cenário Rigidez e mudança estrutural); o segundo assumindo a convergência da estrutura regional de 2001 para a estrutura nacional relativa ao mesmo ano (Cenário Convergência).

Da criação destes cenários resulta uma estrutura do turismo que implica que o VABGT dos Açores representa, em 2016, 8,46% do VAB total. Para o Continente estima-se que esse peso seja de 8,35%. As atividades características do turismo equivalem a 86,45% do VABGT regional, enquanto os restantes 13,55% dizem respeito às atividades não características. Dentro do primeiro conjunto, a Hotelaria possui o papel principal, com um peso de 34,30%, seguindo-se a Restauração, a representar 27,49% do total, e o

setor dos Transportes, com uma parcela de 17,41%. Em termos absolutos, estes valores implicam um VABGT de 263,6 Milhões de Euros, repartidos em 78,2 Milhões para o Alojamento, 62,6 Milhões para a Restauração e 39,7 Milhões para os Transportes.

Para os anos das extremidades da série temporal considerada - 2001 e 2016 -, os valores obtidos para cada rubrica são iguais em ambos os cenários, já que as repartições estruturais utilizadas foram as mesmas. Porém, de 2002 até 2015, como foram usados critérios de distribuição diferentes para estimar o VABGT por atividades, apuraram-se resultados distintos. Desta forma, torna-se possível balizar os valores obtidos, através da definição de intervalos de variação, que poderão servir de referência a todas as entidades interessadas na evolução do Turismo nos Açores, já que não existem, desde 2001, dados dessa natureza para a região.

As estimativas apresentadas são o resultado da aplicação de um modelo que traduz uma aproximação à realidade, não dispensando o esforço necessário para a elaboração de contas. Nesse sentido, e tendo em consideração o recente crescimento do turismo nos Açores, chama-se a atenção para a importância que a elaboração de uma CST tem para a região. Este instrumento, ao representar a realidade do setor turístico, fornece uma melhor perceção do seu contributo para a estrutura económica e para a sociedade em geral, facilitando a tomada de decisões estratégicas e a formulação de políticas que visem melhorar o posicionamento dos Açores como destino turístico (Marujo, Borges, Serra, Eusébio, Milheiro e Dinis, 2012; Fortuna e Maciel, 2017).

A principal limitação da realização deste estudo foi a falta de dados turísticos para o arquipélago. Essa lacuna de informação fez com que se recorresse a dados nacionais para se chegar aos valores pretendidos, o que pode ser considerado um pressuposto forte. Admitiu-se, assim, que os modelos de regressão linear obtidos para estimar o VABGT do Continente fossem utilizados também a nível regional, com a diferença de que os valores das variáveis independentes eram relativos aos Açores. Além disso, as equações apresentadas ao longo do trabalho, apesar de terem um nível de ajustamento bastante satisfatório, utilizam indicadores correntes como variáveis explicativas, que acabaram por ser utilizados como *proxies*.

Os cenários desenvolvidos, ao assumirem que a estrutura do VABGT regional tende para a do Continente, condicionam os resultados. Seria pertinente aperfeiçoar o estudo das diferenças existentes nas estruturas regional e nacional, de modo a validar a repartição do VABGT pelas diversas atividades turísticas. O setor para o qual esta análise

seria mais relevante é o dos Transportes, cuja importância na economia modificou-se consideravelmente no decorrer dos anos, essencialmente a partir de 2015.

Referências

- Cañada, A. (2013), Regional Tourism Satellite Account, UNWTO Statistics and TSA Issue Paper Series STSA/IP/2013/02 (Online), disponível em: <http://statistics.unwto.org/en/content/papers>.
- Couto, S. I. V. S. (2011). Conta satélite de turismo para as economias regionais (Master's thesis, Universidade de Aveiro).
- Fortuna e Maciel (2017). Contas Satélite do Turismo Nacionais e Regionais em Portugal. Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico, WP No. 06/2017, Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Fortuna e Maciel (2018). Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura. Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico, WP No. 03/2018, Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- INE (2003). Estudo de Implementação da Conta Satélite do Turismo em Portugal: Programa Operacional da Economia (POE).
- INE (2005). Conta Satélite do Turismo 2000 (Dados Provisórios).
- INE (2018). Atualização de Valores com Base no IPC, disponível em: <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ipc> [consultado a 28-03-2018].
- Marujo, N., Borges, M., Serra, J., Eusébio, C., Milheiro, E. & Dinis, G. (2012). Quadro Metodológico para a Elaboração da Conta Satélite do Turismo (CST) para a Região do Alentejo.
- OMT (2000). Basic Concepts of the Tourism Satellite Account (TSA).
- OMT, ONU, Eurostat & OCDE (2010). Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework 2008. *Studies in Methods, series F*, (80).
- SREA (2007). Estudo sobre os Turistas que visitam os Açores 2005-2006.
- SREA, DREM & ISTAC (2008). *Contas Satélite do Turismo da Macaronésia 2001/2002*.
- Turismo de Portugal (2011). O Turismo na Economia, Evolução do contributo do Turismo para a Economia Portuguesa 2000-2010.
- WTTC (2003). Algarve: O Impacte das Viagens & Turismo no Emprego e na Economia.

Anexos

Anexo 1 - Intervalos de variação dos valores estimados das atividades características e não características do Turismo que contribuem para o VABGT da Região Autónoma dos Açores (valores em Euros).